2017

BOLETIM DE PETRÓLEO

Bruno Luís Lacerda
Naiara Carvalho
Gerência de Operações e Planejamento
Maio- 2017

1 - Cenário Internacional

O clima nos EUA é de tensão perante a Coréia do Norte. O líder do país asiático, Kim Jong-un, declarou que continuará com seus investimentos nucleares, dando prosseguimento aos testes com mísseis. Tal declaração fez com o que o presidente norte-americano, Donald Trump, instalasse escudos antimísseis na Coreia do Sul, afim de demostrar força face às ameaças norte-coreana. Com o intuito de mitigar tal situação, a China, considerada a única aliada da Coreia do Norte, vem tentando mediar à conversa entre os dois países a fim de obter um acordo diplomático.

No campo interno, Trump anunciou que dará início a mudanças na legislação tributária dos EUA. Uma das pretensões da reforma é reduzir a carga tributária das empresas de 35% para 15% e renegociar a circulação de mercadorias na Nafta. Entretanto, este projeto tende a aumentar inicialmente o déficit na economia norte-americana, fato este que põe em dúvida a aprovação de um programa desta magnitude.

No tocante aos dados macroeconômicos, o mercado de trabalho dos EUA preconiza uma economia forte. Segundo o Departamento de Trabalho dos EUA, o índice de desemprego do país em abril obteve queda frente ao mês anterior alçando uma taxa de 4,4%, fortalecendo a avaliação de que o país encontra-se em níveis próximos ao pleno emprego. Quanto à solicitação de seguro desemprego, houve uma redução em 2.000 requisições, na semana encerrada em 5 de maio, que registrou 236 mil pedidos do benefício. A criação de postos de trabalho no mês citado deu ânimo ao mercado, visto que eram esperadas 185 mil vagas quando na verdade foram obtidas 211 mil. No entanto, o PMI industrial norte-americano decepcionou o mercado, ao passo que o indicador registrou no mês de abril 52,7 pontos ante a 53 observado no mês anterior, sendo o menor número auferido em sete meses.

Do outro lado do Atlântico, a zona do Euro continua em recuperação gradual. O PMI industrial referente ao mês de abril registrou alta mais do que esperada de 57,6% (maior em seis anos) ante a 56,2% do mês anterior. Contudo, a taxa de desemprego segue elevada, atingindo 9,5% em março, mantendo assim o baixo crescimento de salários. Dessa maneira, há inexistência de pressão sobre os custos trabalhistas, o que influenciou na decisão do Banco Central Europeu (BCE) de não alterar taxa de juros.

No que concerne ao lado político europeu, os olhos estavam voltados para a disputa presidencial na França, na qual o candidato de centro, Emmanuel Macron, saiu vencedor. Este resultado acalmou o mercado, haja vista que uma das promessas de Macron é dar continuidade na política externa de engajamento com a União Europeia. Outro fator inquietante na Europa está relacionado com o Brexit. Após países como França e Alemanha exigirem uma “multa” equivalente a 100 bilhões de euros ao Reino Unido para darem prosseguimento ao processo de ruptura, o

responsável britânico pelas negociações, David Davis, declarou não têm obrigação de pagar qualquer preço, podendo optar por sair sem que se chegue a um acordo comum, gerando maiores apreensões no mercado.

No que diz respeito à economia da China, pode-se frisar que a segunda maior potência mundial, apontou decréscimo em abril quanto ao seu Índice Geral de Compras (PMI). O índice registrou 51,2 pontos no mês observado, ante 51,8 em março. Apesar da queda, os dados indicam que ainda está havendo crescimento no setor, uma vez que o PMI industrial continua acima dos 50 pontos o que significa expansão da atividade industrial. Quanto ao PIB chinês pode-se ressaltar que o indicador registrou alta de 6,9% no primeiro trimestre do ano, resultado este acima do esperado por analistas. Apesar da desaceleração em comparação com anos anteriores, tal número está em linha com a meta do governo que é obter um PIB de 6,5% ao término do ano.

Sob a ótica doméstica a ênfase está no notório processo de desinflação. No mês de abril o indicador de inflação oficial (IPCA) registou variação de apenas 0,14%, ficando abaixo em 0,11 pontos percentuais na comparação com o mês anterior. Contudo, vale ressaltar que tal processo está atrelado a existência de ampla capacidade ociosa na economia brasileira, salientada por resultados fracos obtidos por alguns setores, tais como o de serviço que apontou queda de 2,3% no mês de março frente a fevereiro e a produção industrial que obteve recuo de 1,8% no mesmo período observado.

Um dos fatores tido como essencial para dar sustento tanto ao curso de desinflação quanto na recuperação da atividade econômica era a aprovação da Reforma da Previdência. Tal proposta obteve sucesso na comissão especial da Câmara dando ânimo ao mercado. Assim, diante da possibilidade do avanço no processo de consolidação fiscal e dado um contexto inflacionário menos pressionado, o Boletim Focus reduziu mais uma vez a expectativa de inflação para o fechamento do ano, de 4,01% para 3,93%, fato este que corrobora com a perspectiva de continuidade de cortes mais intensos na taxa de juros Selic.

Dessa forma, apesar do cenário internacional incerto, em meio aos conflitos geopolíticos envolvendo os EUA, passando pelas incertezas políticas no Reino Unido e pela preocupante desaceleração da China, a economia brasileira tende a ser mais influenciada via indicadores internos, sobretudo, no que concerne a saúde fiscal do país e a manutenção de uma inflação sob controle.

2 -Preços

Os preços do petróleo registraram no mês de abril de 2017 um valor mínimo de US$ 51,44, máximo de US$ 56,23 e média de US$ 53,82, representando um acréscimo de 2,4% em relação ao

mês de março. A expectativa da Agência Internacional de Energia (EIA) é que o preço do barril de petróleo feche em US$ 53,00 para 2017 e US$ 57,00 para 2018. Em comparação ao relatório anterior, houve redução de US$ 1,00 na expectativa do preço para o final deste ano e manutenção do valor para o encerramento de 2018.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) informou que os estoques norte-americanos de petróleo bruto declinaram em 5,2 milhões de barris na semana encerrada em 05 de maio. Tal número surpreendeu o mercado que esperavam uma queda menos acentuada.

Assim, o acordo de corte de produção liderado pela OPEP, ganhou força no mercado quanto a sua eficácia, dado que este estava sendo posto em xeque diante das crescentes produções de petróleo pelos EUA. Assim, a melhoria do cenário econômico mundial indica que a demanda deve voltar a crescer, levando as variáveis macroeconômicas a um ponto de equilíbrio.

O gráfico 1, mostra a queda intensa no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. No mês de janeiro de 2016 o preço chegou ao valor mínimo de US$ 26,01, e apesar das fortes oscilações a partir de então, demonstra uma tendência gradual de melhora.

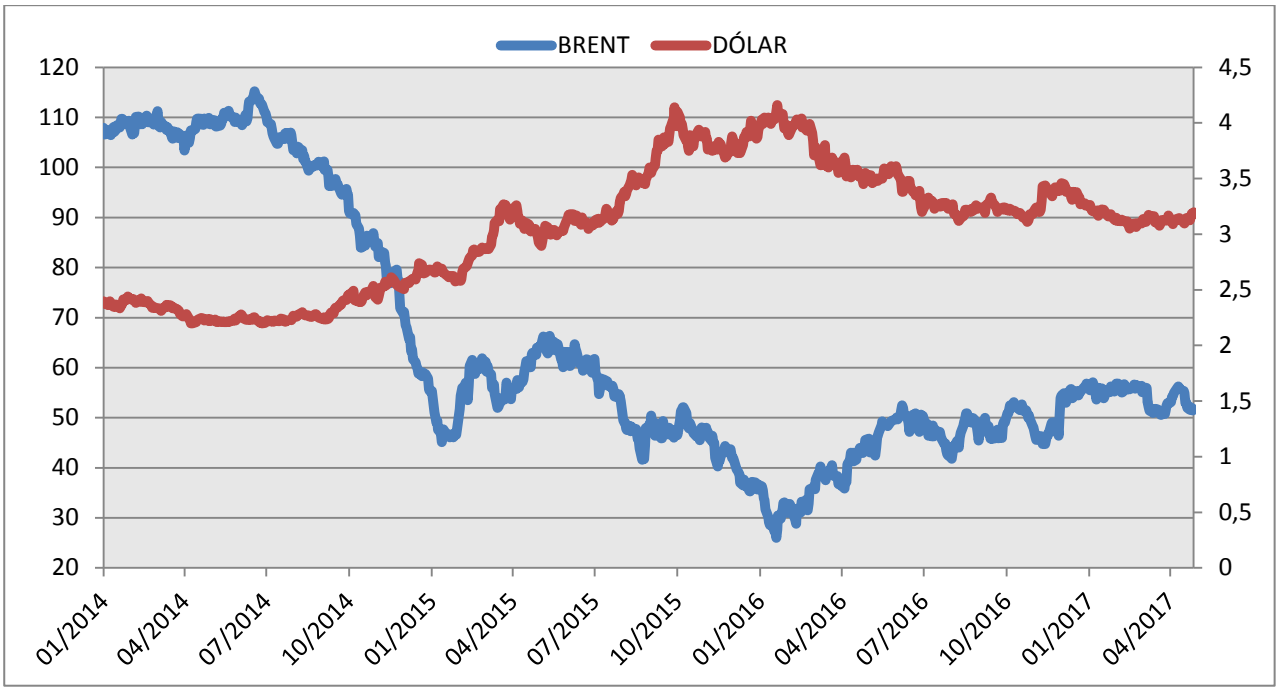
Gráfico 1: Preço do Brent

Fonte: ICE/ GOP

O gráfico 2, mostra o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, exibindo uma negatividade de 0,90 entre fevereiro de 2014 e abril de 2017, podendo ser considerada uma correlação muito forte. De acordo com o Boletim Focus, de 12 de maio de 2017, a expectativa para este ano é que o câmbio encerre cotado em R$ 3,25. Em relação há quatro semanas à expectativa era de R$ 3,23.

A propensão de valorização da moeda norte-americana pode ser associada a fatores externos, tais como preocupações com os testes nucleares da Coréia do Norte e as respostas do presidente dos EUA, Donald Trump, o que tem causado especulações sobre a possibilidade de guerra entre os dois países.

Gráfico 2: Brent X Dólar



Fonte: GOP/ICE/Bacen

3 - Demanda

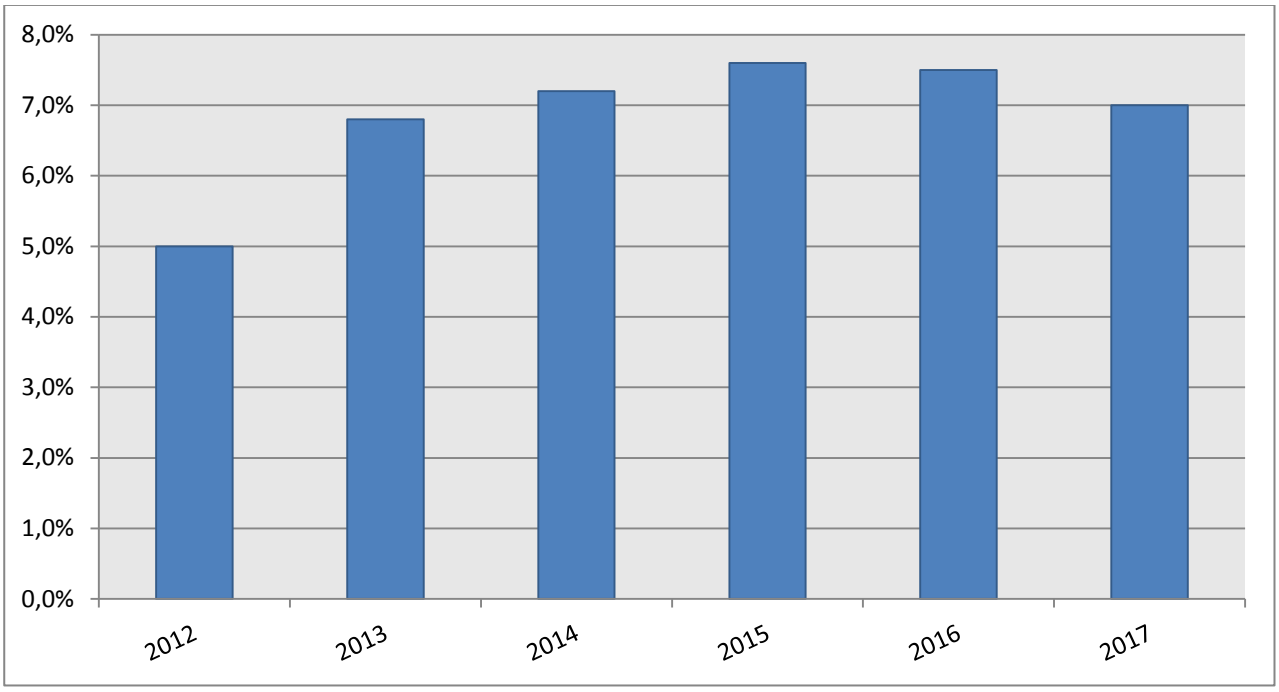
Segundo dados da OPEP, a demanda global para 2017 deve crescer 1,27 milhão de barris por dia (mb/d) em relação a 2016. Tal expectativa manteve-se inalterada em relação ao relatório do mês anterior. A estimativa da EIA, está em conformidade com a da OPEP: haverá um crescimento tênue de demanda por petróleo neste ano, contudo esta presume um aumento de 1,56 (mb/d) ante ao ano anterior (houve um incremento de 0,07 mb/d em relação ao relatório passado). Assim, ambas as agências estão de acordo quanto à expansão da demanda em 2017, fato este que tende a dar maior

equilíbrio ao mercado, compensando o excesso de oferta global de petróleo, recuperando assim seu preço.

A OPEP e a EIA entram também em conformidade, no que concerne aos países que impulsionarão tal avanço. As duas instituições salientam que a Ásia tende a ter um papel fundamental pela procura de petróleo, pois grande parte desse crescimento será consumida pela Índia e China.

A Índia vem vivenciando nos últimos anos um período de expansão em sua economia, sendo necessário um maior consumo da *commodity*. Conforme exposto no gráfico 3, o PIB do país vem demostrando um crescimento na faixa de 7,0% a.a., mantendo esta tendência para 2017.

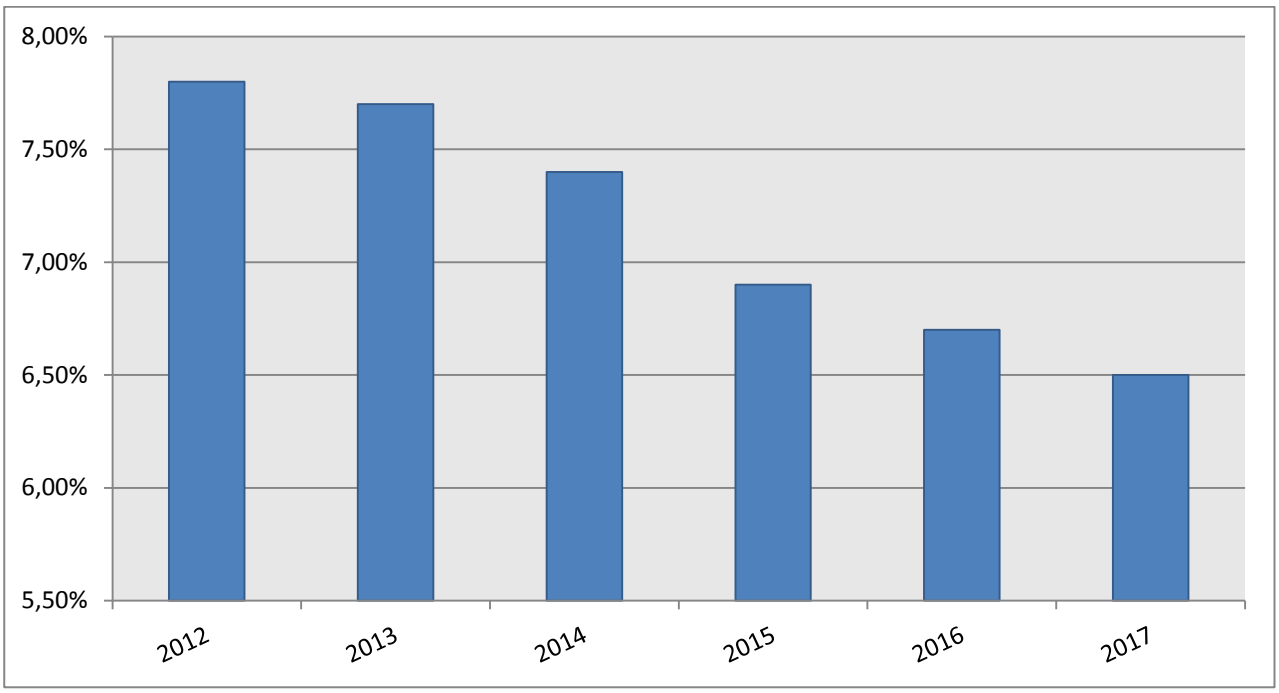
Gráfico 3: PIB - Índia



Fonte: Broadcast

A China é a segunda potência econômica mundial, sendo a maior exportadora e maior detentora de reservas mundiais no mundo. Apesar da desaceleração, vista no gráfico 4, o crescimento chinês ainda é forte se comparado a maioria dos países. Sendo assim, seu consumo por petróleo se mantém crescente.

Gráfico 4: PIB - China



Fonte: Broadcast

4 – Oferta

4.1- Países não Integrantes da OPEP

Segundo a OPEP, os países não integrantes de seu bloco terão uma adição em 2017 de 0,95 mb/d em sua produção, na comparação com 2016. Este número demonstra um aumento em 0,37 mb/d em relação ao último relatório. Tal impulso deve-se, novamente, a perspectiva de alta na produção dos EUA, cuja previsão é de aumento de produção de 0,82 mb/d. Este movimento acentuado da produção norte-americana é consequência de plataformas que entraram em atividade no país, nos últimos meses.

Do mesmo modo, a EIA também avaliou que haverá elevação da oferta em 2017 pelos países não pertencentes a OPEP. Porém, esta foi estimada em 0,87 mb/d, havendo assim um reajuste em 0,25 mb/d a mais do que o previsto no relatório passado. Assim como a OPEP, a EIA vê os EUA como o principal responsável por tal avanço, projetando aumentado de sua produção em 0,74 mb/d a mais do que o ocorrido no término de 2016.

Dessa forma, ambas as agências preveem que ocorrerá crescimento da oferta, neste ano, no que diz respeito aos países que não estão vinculados à OPEP. A concordância está também nos EUA como pioneiro desta alta, ressaltando que a crescente produção da *commodity* pelos norte-americanos pode vir a interferir nos preços no mercado global.

4.2- Países Integrantes da OPEP

De acordo com a OPEP, a produção global média para o final de 2017 está estimada em 95,81 mb/d. Deste montante, está prevista a participação em 37,56 mb/d dos países pertencentes ao cartel. A produção média da OPEP declinou em 0,37 mb/d na comparação com as previsões divulgadas no relatório passado.

Já a EIA projeta uma produção mundial média de petróleo para o final de 2017 de 98,47 mb/d, tendo um incremento de 1,38 mb/d no comparativo com o ano anterior. Tal valor foi revisado para cima em 0,24 mb/d no comparativo com o relatório passado. Em relação aos países integrantes da OPEP, a expectativa é uma média de 39,43 mb/d, participação esta a menor em 0,08 mb/d na comparação com relatório passado.

Sendo assim, ambas as agências baixaram suas respectivas projeções, no que diz respeito à produção média para o ano, dos países pertencentes a OPEP. Pode-se ressaltar que tal movimento está atrelado ao acordo de corte de produção, que visa à redução da oferta, a fim de valorizar o preço da *commodity* no mercado global.

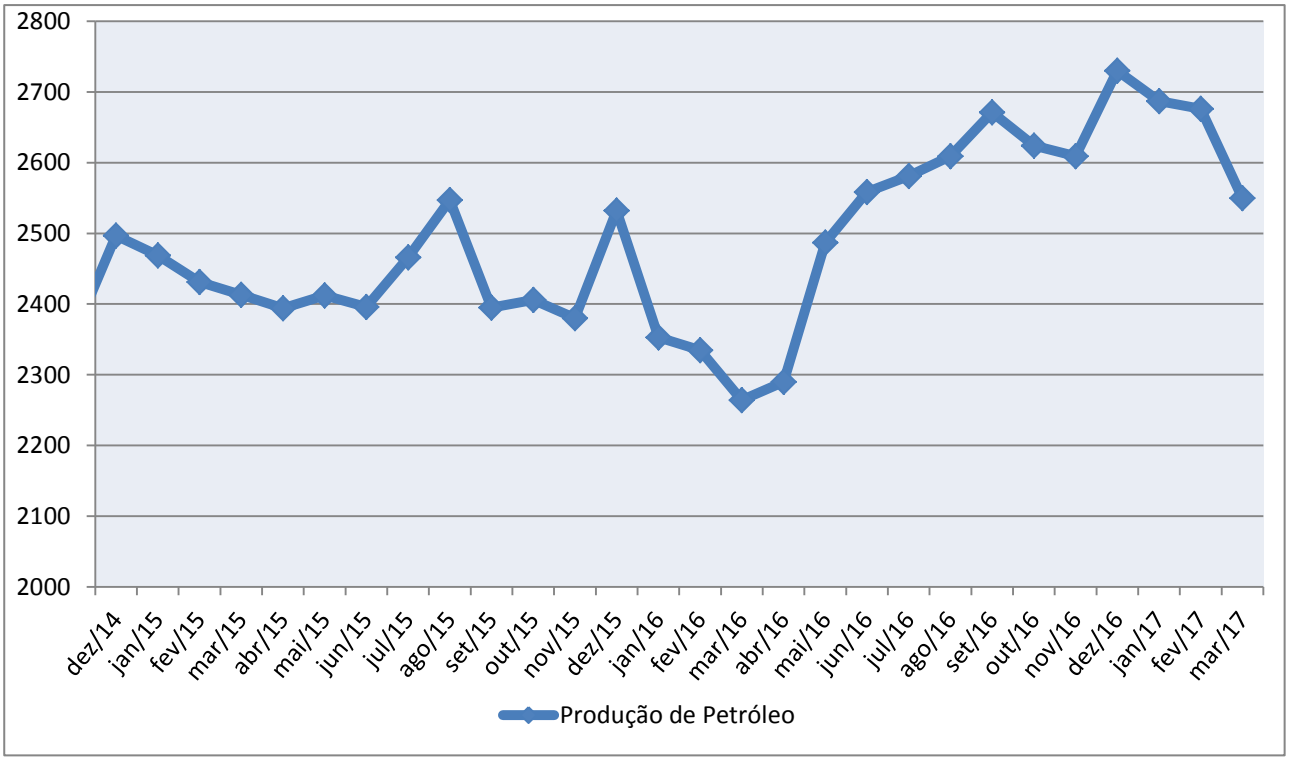
5 – Brasil

5.1- Produção

Conforme divulgado pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção de petróleo do país no mês de março ocorreu em 8.404 poços, sendo 806 marítimos e 7.598 terrestres. Houve uma redução de 72 poços em atividade na comparação ao mês anterior. Os poços marítimos, mesmo apresentando um número quantitativamente inferior aos de origem terrestre, produziram em torno de 95,0% de petróleo do país, no mês em questão.

Segundo a ANP, a produção no mês observado registrou 2.550 mil barris de petróleo ao dia (Mbbl/d), configurando uma redução de 4,7% em relação ao mês de fevereiro. Apesar do decréscimo, este número ainda reflete padrões elevados de produção, posto que na comparação em 12 meses houve uma elevação na produção de 12,6%. Tal afirmação pode ser observada na série histórica do gráfico abaixo.

Gráfico 3: Histórico de produção de petróleo



Fonte: ANP/GOP

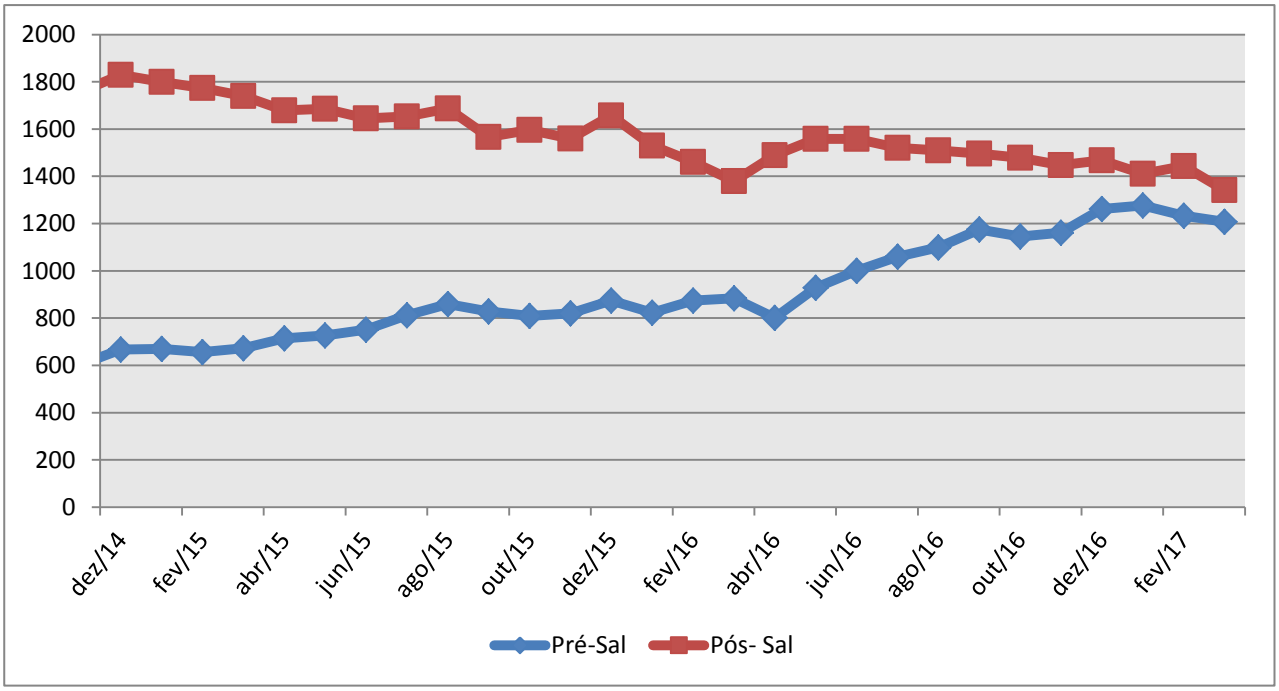
5.2- Pré-Sal x Pós-Sal

No mês de março o pré-sal, registrou uma produção de 1.208 Mbbl/d. Tal produção é oriunda de 69 poços, o que representa 47% do total produzido no Brasil. Em comparação a fevereiro houve um recuo produtivo de 2,4%, fato este que acarretou na queda da produção total, visto no item 5.1.

Já o pós-sal registrou no mês em análise 1.341 Mbbl/d, correspondendo a 53% da produção nacional. Este número equivale a uma queda de 7,0%, se comparado ao mês anterior ao qual apresentou uma elevação de 2,3%. Esta variação produtiva negativa, vista no mês de março, reflete o pior desempenho do pós-sal registrado nos últimos dois anos.

Assim, conforme verificado no gráfico abaixo a curva relacionada à produção do pós-sal apresenta viés de queda, enquanto a do pré-sal segue em ascendência. Estima-se que a produção originária do pré-sal ultrapassará a do pós-sal, mesmo este tendo um número maior de poços explorados.

Gráfico 4: Evolução da produção do Pré-Sal e Pós-Sal



Fonte: ANP/GOP

5.3- Estados Produtores

Atualmente, o Brasil possui dez (10) estados produtores de petróleo, sendo os maiores produtores Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Rio Grande do Norte e Bahia. De acordo com a ANP, o Rio de Janeiro possui maior notoriedade, pois ele, somente, foi responsável por 66% da produção nacional referente ao mês de março.

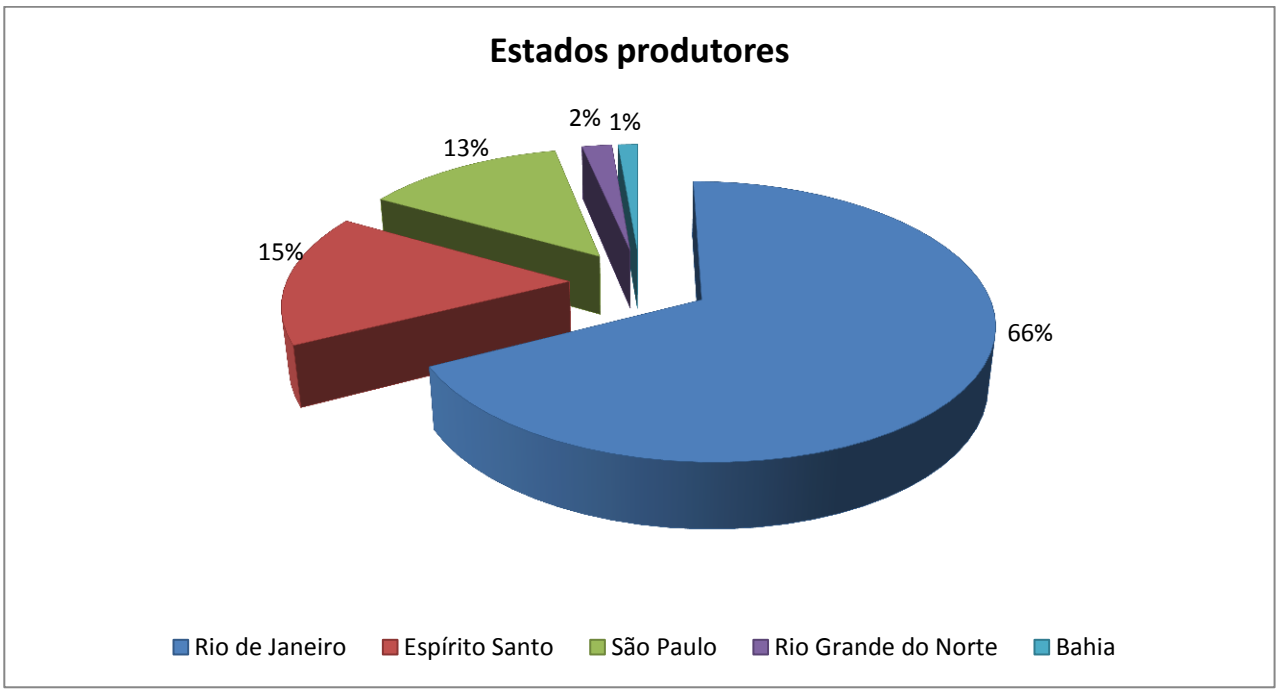
Faz-se perceptível a importância do petróleo para o Estado, visto que o somatório da produção dos outros quatro maiores produtores representam juntos apenas 48% da produção fluminense. Vale ressaltar ainda, que o Estado de São Paulo é detentor de apenas seis (6) poços em atividade, mas que apresentam elevado grau produtivo, conduzindo assim, o estado à posição de terceiro maior produtor do Brasil. Ambas as observações podem ser verificadas a seguir.

Tabela 1: Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PETRÓLEO (bbl/d)	CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.685.391	43
Espírito Santo	393.596	47
São Paulo	334.560	6
Rio Grande do Norte	50.263	75
Bahia	32.948	77

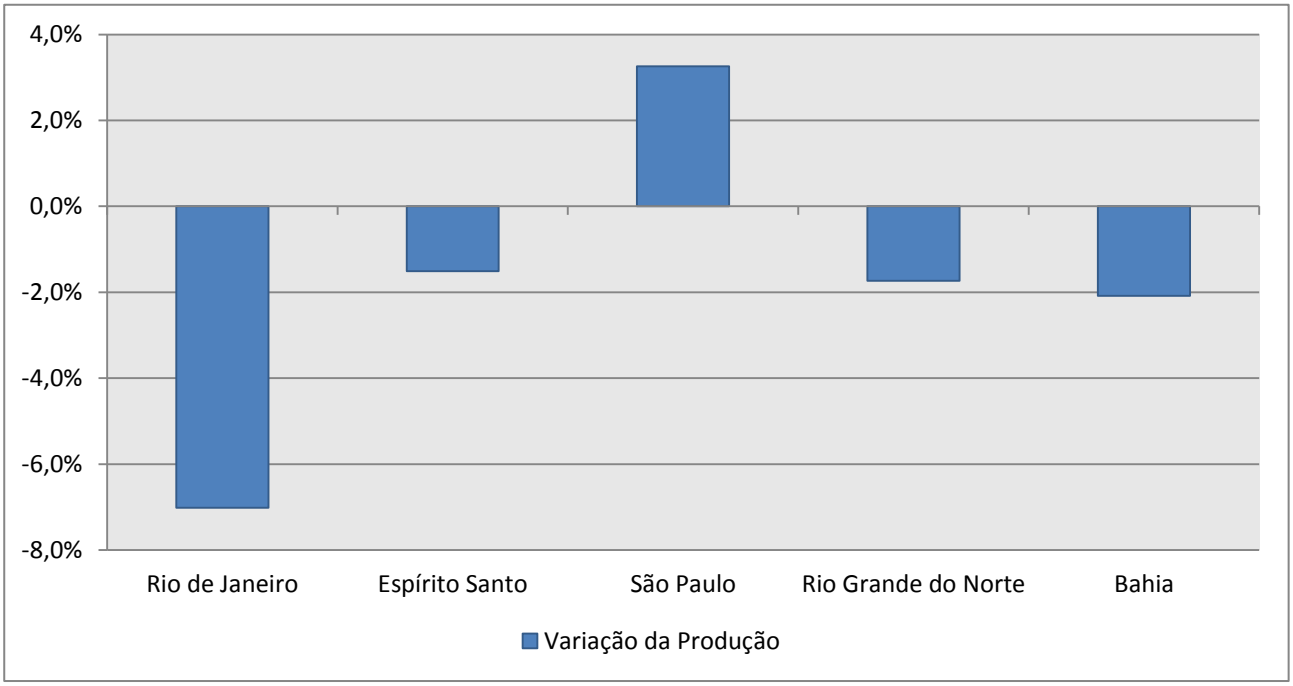
Fonte: ANP

Gráfico 5: Estados Produtores



Em relação à produção, referente ao mês de março, dos estados mencionados pode-se verificar que a maioria apresentou contração em sua produção, tendo maior destaque o Estado do Rio de Janeiro que obteve recuo de 7%. Esta baixa foi a principal responsável pela redução da produção total do mês verificado, posto que como o estado fluminense detém grande parcela da produção nacional, qualquer variação em sua produção impacta fortemente no montante total.

Gráfico 6: Variação da produção – Principais produtores estaduais



Fonte: GOP/GOP

5.4- Bacias

Grande parte das jazidas brasileiras de petróleo estão situadas em bacias sedimentares, sendo sua maioria em locais marítimos de águas profundas. Estas não se restringem apenas a uma localidade, podendo abranger dois ou mais estados. Hoje em dia a produção nacional é oriunda de doze (12) bacias, dentre as quais se destacam: Bacia de Campos - ES / RJ; Bacia de Santos - SP / RJ; Bacia Potiguar - RN; Bacia do Recôncavo - BA e Bacia do Espírito Santo – ES/BA.

A Bacia de Campos e a Bacia de Santos somaram no mês observado cerca de 93% da produção nacional, o que comprova uma extrema concentração da capacidade produtiva do país nestas. Tal afirmação pode ser vista na tabela 2.

Tabela 2: Distribuição da Produção por Bacia

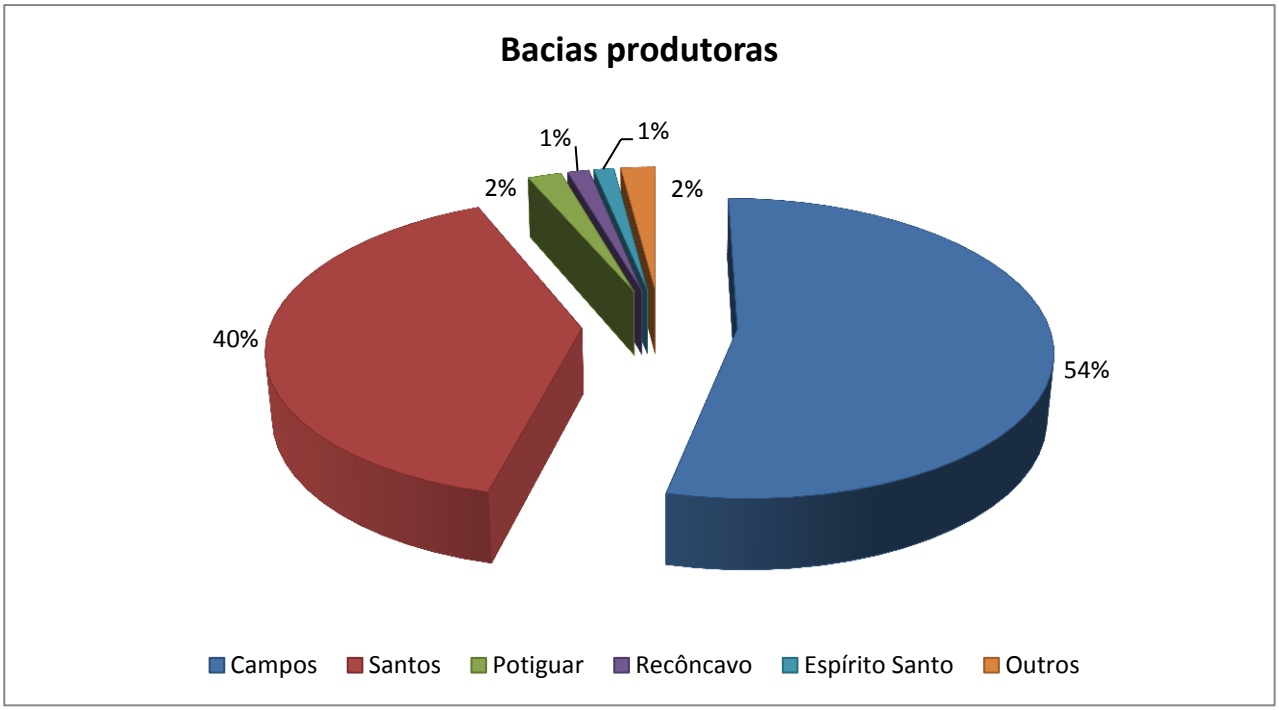
BACIA	Nº CAMPOS PRODUTORES	PRODUÇÃO/MAR	LOCALIZAÇÃO
Campos	45	1.369.712	Rio de Janeiro/Espírito Santo
Santos	11	1.013.342	Rio de Janeiro/São Paulo
Potiguar	77	51.476	Rio Grande do Norte
Recôncavo	74	32.552	Bahia
Espírito Santo	40	30.492	Espírito Santo/Bahia

Fonte: ANP

No mês em análise, como já mencionado, a ANP divulgou a produção nacional de 2.550 Mbbl/d (mil barris por dia) ao qual foi constatado um decréscimo frente a fevereiro. Apesar de vermos uma baixa na produção da Bacia do Espírito Santo, a ênfase na queda da produção total do mês de março pode ser atribuída a Bacia de Campos (queda de 7,0%), uma vez que esta representa aproximadamente 54% da produção nacional, assim qualquer variação em seu grau produtivo é causante de intensos impactos no resultado total.

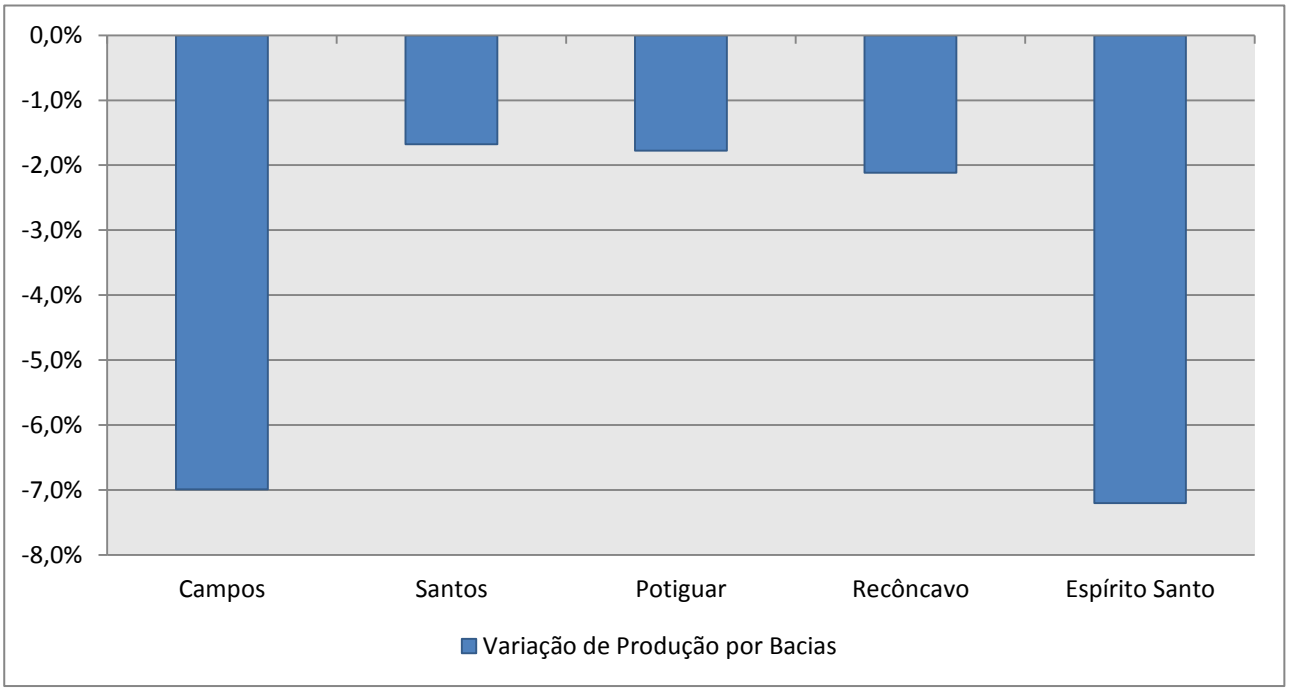
Tais constatações podem ser vistas nos gráfico 6 e 7, respectivamente.

Gráfico 6: Produção de Petróleo por Bacia



Fonte: GOP

Gráfico 7: Variação de produção das principais Bacias



Fonte: GOP

5.5- Campos

No que concerne aos campos pode-se destacar os cinco maiores produtores: Lula, Sapinhoá, Roncador, Jubarte e Marlim Sul. Estes juntos detém cerca de 59% da produção de petróleo operada no Brasil, no mês de março e estão concentrados nas Bacias de Santos e de Campos. Tal afirmação pode ser observada na tabela 3.

Tabela 3: Distribuição da Produção por Campo

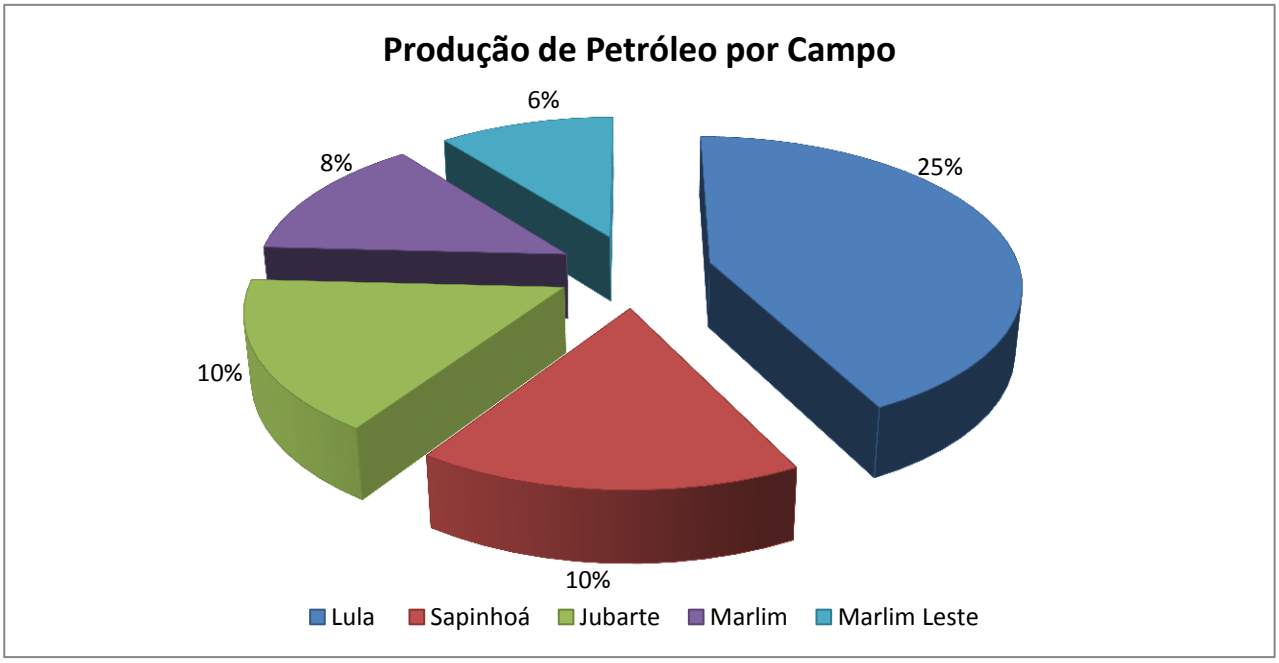
Campo	Produção/Mar (Mbbl/d)	LOCALIZAÇÃO
Lula	638	Bacia de Santos
Sapinhoá	253	Bacia de Santos
Roncador	247	Bacia de Campos
Jubarte	204	Bacia de Campos
Marlim Sul	159	Bacia de Campos

Fonte: ANP

O campo de Lula, na Bacia de Santos, possui maior destaque dentre os citados, pois este, somente, representa no mês observado cerca de 25% do resultado nacional. A produção de petróleo de Lula, no mês em questão apontou uma produção de 638,3 Mbbl/d, representando uma variação percentual negativa de 7,6% na comparação com o mês anterior.

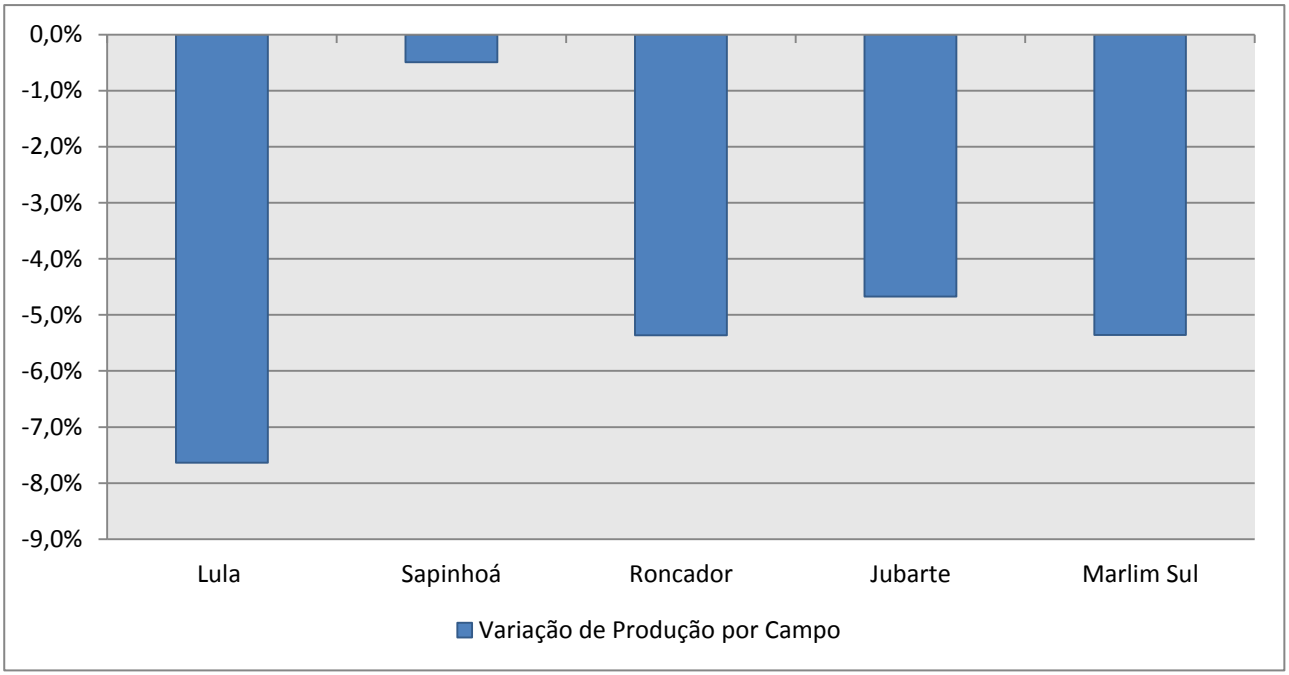
Tais ratificações podem ser vistas, respectivamente, nos gráfico 8 e 9.

Gráfico 8: Produção de Petróleo por Campo



Fonte: GOP

Gráfico 9: Variação de produção dos principais Campos



Fonte: GOP

Dessa forma, pode-se concluir que o decréscimo na produção nacional, visto no item 5.1, deu-se pela queda de produção oriunda do Pré-Sal. Redução esta, proveniente do declínio de produção visto no Estado do Rio de Janeiro, observado no Campo de Lula.